

A Inclusão da Criança com Síndrome de Down no Ensino Regular.

RODRIGUES, Juliana dos Santos

Discente do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

ZUTTIN, Fabiana

Doscente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

RESUMO

Os pais de crianças acometidas pela síndrome (SD), com justa razão, muitas vezes não sabem se o melhor é matriculá-los numa escola regular ou especial. Suscita temores ligados a adaptação e proteção, Entretanto, é importante lembrar que esses dois momentos são distintos e geram ansiedades específicas. Porém, sabe-se que quando a inclusão é bem feita, a socialização começa a se dar de maneira muito fluída. Hoje a preocupação na política educacional é que haja “educação para todos”, e que preferencialmente ela aconteça em classes comuns de ensino regular, evidenciadas em leis e normas já aprovadas.

Palavras chaves: Síndrome de Down, Inclusão Educacional; Socialização, Família.

ABSTRACT.

Parents of children affected by the syndrome (DS), with good reason, often do not know if it is best to enroll them in a mainstream school or special. Raises fears related to adaptation and protection, however, it is important to remember that these two stages are distinct and specific cause anxieties. However, it is known that when inclusion is done well, socialization begins to give way too much fluid. Today the concern in educational policy is that there is "education for all" and that it preferentially occurs in common classes of regular education, as evidenced in laws and rules already adopted.

1-Introdução

O presente estudo tem como enfoque mostrar que todo o ser humano tem o direito de conviver em sociedade, que alunos com Síndrome de Down não são problemas, são pessoas que apresentam desafios à capacidade dos professores e das escolas, para oferecer uma educação para todos, respeitando as necessidades de cada um. Muitos escritores têm sua visão à respeito da inclusão, falam sobre as vantagens e desvantagens sobre, dentre tantos pensamentos e estudos é possível perceber que a inclusão é um acontecimento recente e que vem se fortalecendo a cada passar de tempo, pode-se mudar leis com uma certa facilidade e um espaço de tempo, porém a inclusão, de fato, acontece quando a sociedade aceita que todos têm suas diferenças tendo um comprometimento intelectual ou não. Não existe um manual ou uma receita para evitar a exclusão, o que existe são meios de comunicação que são capazes de adicionar conhecimento e compreensão à respeito, junto com essa busca é necessário a fuga do padrão social para que todos consigam realmente fazer parte de uma sociedade como cidadãos ativos, participante daquela que um dia os aceitaram.

2- Desenvolvimento

Síndrome de Down

A síndrome de Down poderá ter quatro origens possíveis. Das doenças congénitas que afetam a capacidade intelectual, a síndrome de Down é a mais prevalente e melhor estudada. Esta síndrome engloba várias alterações genéticas das quais a trissomia do cromossoma 21 é a mais frequente (95% dos casos). A trissomia 21 é a presença duma terceira cópia do cromossomo 21 nas células dos indivíduos afetados. Outras desordens desta síndrome incluem a duplicação do mesmo conjunto de genes (p.e., translações do cromossoma 21). Dependendo da efectiva etiologia, a dificuldade na aprendizagem pode variar de mediana para grave. A síndrome de Down pode ocorrer em todas as populações humanas. As crianças com síndrome de Down possuem algumas características físicas específicas, que podem ser observadas pelo médico para fazer o diagnóstico clínico. Nem sempre a criança com síndrome de Down apresenta todas as características. Algumas podem ter poucas, enquanto outras podem mostrar a maioria das características da síndrome:

- Inclinação das fendas palpebrais;
- Pequenas dobras de pele no canto interno dos olhos;
- Língua aumentada e proeminente;
- Achatamento da parte de trás da cabeça;
- Ponte nasal achatada;
- Orelhas menores;
- Boca pequena;
- Tônus muscular diminuído;
- Ligamentos soltos;
- Mãos e pés pequenos;
- Pele na nuca em excesso;
- Palma da mão com uma linha cruzada (linha simiesca);
- Distância entre primeiro e segundo dedo do pé aumentado.

Freqüentemente estas crianças apresentam mal-formações em órgãos desde seu nascimento:

- As principais são as do coração, atingindo 30% dos portadores de síndrome de Dow;
- Mal-formações do trato gastrointestinal, como estenose ou atresia do duodeno, imperfuração anal, e doença de Hirschsprung;
- Perda auditiva condutiva;
- Problemas de visão;
- Alguns tipos de leucemia têm maior incidência crianças com síndrome de Down;

Pessoas com síndrome de Down desenvolvem as características neuropatológicas da doença de Alzheimer em uma idade muito mais precoce.

Não existe um tratamento específico para síndrome de Down a fim de reverter a trissomia do cromossomo 21. O tratamento engloba, na verdade, uma série de medidas para tratar os problemas clínicos decorrentes da síndrome e também uma série de medidas de estimulação precoce e inclusão para aproveitar todo o potencial da criança com síndrome de Down.

Inclusão; Segundo Voivodic (2004) apud Mazzotta, pelo menos com o advento da Constituição Federal de 1988, da Lei 7583/89, da Constituição Mundial sobre Necessidades Básicas de Aprendizagem, aprovada em Jomtien/Tailândia em 1990 e do Plano Decenal de Educação para todos (1993/2003), têm sido registradas intenções e determinações sobre a importância e a necessidade de uma escola para todos ou escola inclusiva. Mais recentemente, o autor ressalta a Política Nacional de Educação Especial – MEC 1993, a Lei 9394/96, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e o Decreto 3298/99 que regulamenta a Lei 7853/89. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, ao reconhecer a Educação Especial como modalidade de ensino que permeia todos os níveis escolares, deixa claro que não há, nos sistemas de ensino, tipos separados de educação. Sendo assim, a Educação Especial não é um subsistema e as unidades escolares devem ter um conjunto de recursos que devem ser organizados e disponibilizados para que todos os alunos possam desenvolver suas competências com respeito e dignidade, entre eles os que necessitam de apoios diferenciados. A escola precisa estar aberta para atender a todos e o governo deve oferecer reais

condições para a implantação da escola inclusiva no país, fornecendo verbas, criando cursos de reciclagem para os docentes e atendendo as demais necessidades estruturais necessárias para tal ocorrência, como por exemplo, proporcionando apoio educacional especializado adequado para todos os alunos. A Educação Inclusiva pressupõe que todas as crianças tenham a mesma oportunidade de acesso, de permanência e de aproveitamento na escola, independentemente de qualquer característica peculiar que apresentem ou não. Como é possível observar, leis estão em vigor para garantir a inclusão da criança com S.D no ensino regular, porém a integração é bem mais lenta, não existem leis que façam com que um aluno, "supostamente incluído" no ensino regular não seja excluído dentro do convívio escolar. Pais e professores traçam uma batalha para conter fatos que acarretam na exclusão dessas crianças acometidas pela síndrome, no entanto, o trabalho contínuo de conhecimento, entendimento e compreensão com todos os membros e famílias dos educandos pode e vem ajudando muito esse processo de integração. Os sistemas de ensino já estão mais conscientes diante a situação, sabem que não é o aluno que deve estar preparado para a escola e sim a escola se preparar para recebê-lo, em todo o seu contexto visando contribuir para o desenvolvimento de todas suas habilidades, sabendo -se que é importante para o favorecimento da educação da criança com síndrome de down, trabalhar com os processos cognitivos; percepção, atenção, memória e organização de itinerários mentais.

Como já foi citado, também para Mantoan (2001), outra opção de inserção da criança portadora de algum tipo de deficiência é a inclusão, que questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e regular, mas também o próprio conceito de integração. O termo inclusão tem sido utilizado com múltiplos significados. As opiniões se dividem, de um lado encontramos os que acham que a inclusão se daria com fato de colocarmos todos os alunos, independente do grau e tipo de incapacidade, na classe regular. A noção de inclusão não é incompatível com a de integração, porém institui a inserção de uma forma mais radical, completa e sistemática. Algumas vezes o termo inclusão parece ser utilizado apenas para renomear integração, considerando que o melhor é a colocação do aluno com deficiência na classe regular, desde que se enquadre aos pré-requisitos da classe. A meta primordial da inclusão é a de não deixar ninguém excluído do ensino regular,

desde a pré-escola. As escolas inclusivas propõem um modo de se constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola; a inclusão apóia a todos: alunos, familiares professores e todo o pessoal administrativo da escola, para que se obtenha sucesso na ação educativa geral. A Síndrome de Down é uma condição de vida do indivíduo. É evidente que, devido à deficiência mental presente na Síndrome de Down, a educação dessas crianças é um processo complexo e requer adaptações e, muitas vezes o uso de recursos especiais. Normalmente a criança que apresenta Síndrome de Down, inicia uma trajetória de estimulação precoce no setor de fisioterapia O portador da SD é capaz de compreender suas limitações e conviver com suas dificuldades, a maioria deles tem autonomia para tomar iniciativas, não precisando que os pais digam a todo o momento o que deve ser feito. Isso demonstra a necessidade, a possibilidade desses indivíduos de participar e interferir com certa autonomia em um mundo onde normal e deficiente são semelhantes em suas inúmeras deficiências. Muitas pessoas confundem a deficiente intelectual (síndrome de Down) com a doença mental (esquizofrenia, paranóias e outras), o que não é correto. São fenômenos completamente diferentes. A pessoa com deficiência intelectual (SD) não tem surtos, não tem ataques e não tem convulsões. É perfeitamente possível conviver com ela de aprendizagem criança a criança: oferecem a oportunidade de compreender melhor as pessoas que, por qualquer motivo, são diferentes (maneira de vestir, crenças, língua, deficiências, raça, capacidades). Quando as crianças compreendem que toda criança é diferente, deixam de fazer brincadeiras cruéis e podem se tornar amigos. Sua construção do conhecimento, das letras, dos números é mais lenta do que os demais, porém a compreensão de mundo é compatível com qualquer pessoa dita "normal". Seus interesses e manifestações são iguais a qualquer adolescente, inclusive o interesse por meninos. Seria ingênuo pensar que só a integração escolar produzirá, automaticamente, a total integração social das pessoas com necessidades educacionais especiais, pois os mecanismos segregacionistas estão de tal forma, sedimentados em nossa sociedade, que demorará muito tempo para serem, pelo menos, minimizados. Apesar da base da integração ser o princípio de normalização, a mesma não é específica da vida escolar, contudo atinge o conjunto de

manifestações e atividades humanas e todas as etapas da vida das pessoas, sejam elas afetadas ou não por uma incapacidade, dificuldade ou inadaptação. Temos que reconhecer que os primeiros passos já estão sendo dados, e que a sociedade já está mais esclarecida.

Desta forma, a integração escolar, é uma forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém nada se questiona do esquema em vigor.

À algumas décadas o fato da inclusão de qualquer ser que não fosse dito 'normal' era totalmente rejeitado pela sociedade e tão pouco amparado por leis, crianças com a síndrome não podiam frequentar redes regulares de ensino, a medida que os anos foram passando, a informação foi surgindo , as pessoas começaram a perceber de fato o que é a Síndrome de Down a qual dentre um vasto campo de deficiências é um dos comprometimentos mentais onde é possível a inclusão, e resulta em ganhos para ambos os lados.” conviver com um Down não tem preço”, na verdade você aprende que as melhores coisas da vida não há dinheiro que compre. Um Down é capaz de expressar seus sentimentos sinceros, capaz de abraçar, chorar , se enraivecer, dançar , cantar, te dizer o que pensa e tudo isso sem medo de ser feliz, um Down é capaz de se importar com o outro pelo simples fato de estar no mesmo ambiente, é realmente um ser incomparável , especial, não por seu comprometimento ,mas sim pela sua maneira de agir, pela maneira em que é grato aos que se importam com ele, pela maneira como tenta se aproximar daqueles que o rejeitam, um Down é capaz de fazer tudo que qualquer ser pode, ele só necessita de alguns estímulos e assim consegue ser autonomo, consegue fazer suas atividades e conviver bem com os os outros., mas para isso ele deve estar inserido em uma unidade de ensino regular ou/em parceria com uma unidade especializada, também deve ser bem estimulado no âmbito familiar,

Os educadores devem sempre estar preparados para receber um aluno com necessidades educacionais especiais, e se assim não for deve se preparar, pois ele será o mediador de toda a situação, é imprescindível que o professor não tenha preconceito, ou não faça o “pré- conceito”, da mesma forma que o aluno é capaz de

desenvolver –se no ensino regular o educador também é capaz de se preparar para que tenha êxito em suas ações, é o grande desafio do educador e de todo o sistema de ensino, é importante que o educador saiba realmente o grande significado de ensinar, de estar em contato com jóias preciosas, os pais confiam em deixar seus grandes tesouros e querem que sejam tão bem tratados como eles os fariam, não há como prever a ação de um educador , o que se sabe é que ele pode mudar muitas coisas, muitos pensamentos, tem um grande poder de persuasão , principalmente entre as crianças as quais se modelam, criam seus conceitos de acordo com os exemplos que têm, os educadores também podem acompanhar o desenvolvimento do aluno dentre suas especialidades as quais eles necessitam, e são oferecidas por outros profissionais.

3 – Considerações Finais

Com esta presente pesquisa pode-se constatar que os professores, a escola e a sociedade não estão totalmente preparados para receber os alunos que apresentam a Síndrome de Down. Pode-se notar também que as pessoas com Síndrome de Down convivem, na maioria das vezes, apenas com as pessoas de sua família, não tendo muito contato com a sociedade e um convívio mútuo com os colegas de escola.

Com relação a inclusão na escola regular, nota-se que a maioria dos professores não estão preparados para receber esses alunos e muitos apresentam medo, medo do diferente, do novo. O trabalho em conjunto entre família e escola facilita o processo de inclusão do aluno com Síndrome de Dom, envolvendo família, escola, profissionais da saúde e comunidade.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi alcançado com sucesso, considerando que o trabalho trouxe a compreensão sobre o que é a Síndrome de Down, suas características físicas e intelectuais, debatendo sobre a questão da inclusão do aluno na rede regular de ensino.

Referencias Bibliográficas:

1. Antonarakis SE, Lyle R, Dermitzakis ET, Reymond A, Deutsch S. Chromosome 21 and down syndrome: from genomics to pathophysiology. *Nat Rev Genet.* 2004 Oct;5(10):725-38. Review.
2. Lubec G, Engidawork E. The brain in Down syndrome (TRISOMY 21). *J Neurol.* 2002 Oct;249(10):1347-56. Review.
3. Roizen NJ, Patterson D. Down's syndrome. *Lancet.* 2003 Apr 12; 361(9365): 1281-9. Review.
4. Shapiro BL. Down syndrome and associated congenital malformations. *J Neural Transm Suppl.* 2003;(67):207-14. Review.
5. BRASIL/Ministério da Educação e do Desporto. Plano Decenal de Educação para todos. Brasília: MEC, 1993.
6. MANTOAN, M.T.E. Integração X inclusão: escola (de qualidade) para todos.
7. MENDES, E.G. Educação inclusiva: realidade ou utopia? São Paulo, SP: USP. 1999.
8. VOIVODIC, Maria Antonieta M.A. Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down. Petrópolis, RJ: Vozes: 2004.